



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O AVANÇO DA RELIGIÃO NO ESPAÇO POLÍTICO²⁹⁹.

Luana Aparecida Matos Leal*
(UESB)

Edvania Gomes da Silva**
(UESB)

RESUMO

Este artigo apresenta a análise da reportagem “A fé entrou na campanha”, publicada na seção “Brasil”, da revista *Época*, edição nº. 647, de 09/10/2010. Com base na reportagem em questão, discute-se a inserção do discurso religioso no contexto político brasileiro, sobretudo no segundo turno das eleições presidenciais 2010. Por meio da análise das formulações verbais e não verbais de *Época* verificou-se que o debate sobre temas religiosos ganhou grande destaque, constituindo-se como um dos elementos de um discurso que está relacionado a uma rede de “já ditos” presentes na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso Religioso, Política, Mídia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho, que apresenta uma análise inicial³⁰⁰, insere-se no âmbito de um projeto de investigação de mestrado que visa analisar a relação entre discurso

²⁹⁹Trabalho inscrito para apresentação no Colóquio Temático *Memória, Educação, Linguagem e Sociedade*, do evento “IX Colóquio Nacional e II Colóquio Internacional do Museu Pedagógico ‘Desafios Epistemológicos na atualidade’”.

* Mestranda do Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: luamatosleal@yahoo.com.br

** Professora do Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Orientadora do projeto de pesquisa que deu origem a este trabalho. E-mail: edvania_g@yahoo.com.br.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

religioso e política no Brasil. Neste artigo, faremos a análise de uma reportagem específica que trata das estratégias de campanha na corrida presidencial 2010, verificando, sobretudo, a repercussão na mídia do primeiro programa eleitoral do segundo turno dos candidatos à presidência da república José Serra (PSDB) e Dilma Rousseff (PT). O objetivo deste trabalho é, então, mostrar como a mídia, mais especificamente a revista em análise, espetacularizou esse episódio, já que, como nos apresenta Fonseca-Silva (2007, p. 303), a revista funciona como “porta-voz do senso comum, testemunha visível e testemunha ocular do acontecimento”.

Análise da reportagem

O texto analisado é uma reportagem de capa, publicada na seção “Brasil”, da revista *Época*, edição 647, no dia 09/10/2010. A reportagem foi feita logo após o reinício do programa gratuito de propaganda eleitoral para o segundo turno das eleições 2010. Como se trata de uma reportagem de capa, e, por isso, de grande destaque na revista, a análise será feita por partes: primeiro, discutiremos os discursos materializados na capa, verificando as imagens e os textos nela apresentados; em seguida, faremos uma discussão sobre a reportagem em si, na qual serão analisadas as formulações verbais e as formulações não verbais.

A capa da revista, conforme se pode observar, na figura 1, exhibe, no centro, em letras negritadas, a chamada para a reportagem principal com a seguinte formulação: “Deus entrou na eleição”; à esquerda, aparece uma urna eletrônica com as fotos dos candidatos à presidência da república e, ao lado direito, a figura de um deus apontando com o dedo indicador para a urna eleitoral. São apresentadas também na capa mais três chamadas para a reportagem, formuladas

³⁰⁰ Por se tratar de uma análise inicial do projeto de investigação de mestrado, cujo título é “O apelo ao discurso religioso como forma de persuasão no contexto político”, analisaremos apenas uma reportagem específica.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

da seguinte maneira: “Como o debate sobre aborto e religião pode influir no segundo turno”, “A tentativa de Serra para tentar mudar o jogo” e “Marina Silva sobre sua votação: ‘É apenas o começo’”.



Figura 1- Época, edição 647, 09/10/2010.

Considerando a rede de formulações que constitui a capa da revista, verificam-se várias referências ao discurso religioso. A revista, em sua reportagem principal, mostra o momento atual da política brasileira: o tema da religião faz parte do contexto político e essa estratégia dos políticos pode interferir na escolha popular. Após um primeiro turno apertado, os candidatos procuram todos os caminhos possíveis para conquistar a adesão do eleitorado. As imagens indicam que a escolha entre um dos candidatos pode ter um forte apelo religioso e a chamada principal completa essa proposição. As formulações verbais complementares mostram que os debates, que se iniciaram ainda no primeiro turno, voltam com mais força no segundo turno.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A referência à candidata Marina Silva completa essa rede de formulações e a insere no jogo do discurso, uma vez que sua votação expressiva no primeiro turno pode ter sido proveniente também da repercussão dos temas religiosos entre os eleitores, o que se confirma posteriormente no interior da reportagem.

Passemos, então, à análise da reportagem que já traz em seu título, por meio da formulação “A fé entrou na campanha”, uma confirmação do que se asseverou na capa. As formulações do interior da reportagem serão analisadas em blocos, o que permitirá entender de que forma tais formulações materializam diferentes discursos acerca do avanço da religião no espaço político.

Religião e política: uma relação antiga

A rede de formulações que inicia a reportagem permite-nos contextualizar a inserção dos temas religiosos na política. Nos trechos a seguir, verifica-se que, em outros momentos da política nacional, questões religiosas foram usadas como estratégias de campanha por diferentes políticos. As formulações mostram também que essa estratégia continua atual, após já se esgotarem assuntos como economia, saúde, segurança e educação.

A religião não é um tema estranho às campanhas políticas no Brasil. A cada par de eleições, o assunto emerge da vida privada e chega aos debates eleitorais em favor de um ou outro candidato, contra ou a favor de determinado partido. Em 1985, o então senador Fernando Henrique Cardoso perdeu uma eleição para prefeito de São Paulo depois de um debate na televisão em que não respondeu com clareza quando lhe perguntaram se acreditava em Deus. Seu adversário, Jânio Quadros, reverteu a seu favor uma eleição que parecia perdida. (Época, edição 647, 09/10/2010)

Tradicionalmente, o cenário político brasileiro tem sido dominado por temas de fundo econômico – como inflação, desemprego, previdência e salário mínimo – ou social – como pobreza,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

segurança, educação e saúde. Mas a elevação do padrão de vida dos pobres e a superação das necessidades elementares de sobrevivência podem ter começado a abrir espaço para aquilo que, em democracias mais maduras, é conhecido como “agenda de valores”. Ela reúne temas como fé, aborto, eutanásia, ensino religioso, casamento entre homossexuais ou pesquisas com manipulação genética. (Época, edição 647, 09/10/2010)

No primeiro trecho, destaca-se uma situação política anterior em que, segundo a reportagem, o candidato Fernando Henrique Cardoso (FHC) teria sido prejudicado por não ter deixado claro em um debate a sua confissão religiosa, o que foi aproveitado estrategicamente pelo seu adversário. Verifica-se assim que além de haver um possível deslize do candidato ao não se posicionar diante daquela situação, dizendo o que público supostamente gostaria de ouvir, ainda houve, por parte do adversário, um uso político desse silêncio de FHC no que diz respeito à religião.

No segundo trecho, a reportagem mostra o aparecimento de uma “agenda de valores” no contexto político, indicando que os políticos, além de apresentarem propostas de cunho econômico e social, precisam também abordar em suas campanhas temas de cunho moral e religioso.

Outra questão apresentada na reportagem a respeito das consequências do avanço religioso na política advém da materialização da opinião e das possíveis reações do eleitorado nas eleições presidenciais em 2010, o que veremos no tópico seguinte.

O eleitor

As formulações a seguir mostram o eleitor diante do jogo discursivo que se estabelece entre política e religião. O trecho em análise mostra que questões de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

cunho religioso podem provocar até mesmo mudanças na intenção de voto do eleitorado.

“Ouvi na igreja que ela é a favor do casamento gay, isso é uma coisa abominável aos olhos de Deus”, diz Galdino. Frequentador da igreja Casa da Bênção e morador de Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro, ele está desempregado. Diz-se satisfeito com o governo, mas começou a ter informações ruins sobre Dilma com o pastor e outros fiéis. “A notícia corre, o boca a boca é forte”, afirma. “Ouvi que ela disse que nem Jesus Cristo tirava essa eleição dela. Como alguém pode achar que é maior do que Deus?” (Época, edição 647, 09/10/2010)

As falas do eleitor destacadas no trecho acima mostram que apesar de o referido eleitor estar satisfeito com o governo Lula, a imagem negativa que ele constrói acerca da candidata Dilma Rousseff baseia-se naquilo que ele ouve na igreja. Dessa forma, pelo que se encontra discursivizado nesta reportagem da revista Época, verifica-se que muitos eleitores “escolhem” seus candidatos com base em critérios religiosos e/ou morais.

Os candidatos e o segundo turno das eleições

Nas formulações verbais abaixo, veiculadas pela revista, também se verifica o jogo entre o que pode ou não ser dito quando se figura na posição de candidatos a cargos públicos. Tais formulações funcionam como uma série de conselhos aos políticos.

Diante de questões como a fé em Deus, a posição diante da legalização do aborto ou a eutanásia, ou o casamento gay, o candidato precisa se preparar não apenas para dizer o que pensa e o que fará em relação ao assunto se eleito – mas também para o efeito que suas palavras podem ter diante dos eleitores religiosos. (Época, edição 647, 09/10/2010)



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A parte grifada, introduzida por um verbo deôntico³⁰¹, dita o que parece ser uma regra básica para o candidato que almeja um cargo político. É por isso que, numa espécie de concordância com o que se apresenta nesse suposto “conselho”, os candidatos Dilma Roussef e José Serra curvam-se diante dessas novas condições e se preparam para o segundo turno das eleições 2010, apresentando, já no primeiro programa eleitoral dessa nova fase, uma postura que os relaciona a uma certa moral religiosa: procuram apoio das lideranças religiosas, participam de eventos de cunho religioso (missas, cultos, etc.) , enfim, constroem a imagem de políticos comprometidos com Deus e, conseqüentemente, com questões de cunho moral.

A repercussão dessa postura é espetacularizada pela mídia e comentada pela reportagem em análise nas seguintes formulações verbais.

Na sexta-feira, quando foram ao ar as primeiras peças de propaganda eleitoral gratuita, o uso da carta religiosa ficou claro. Dilma agradeceu a Deus, se declarou “a favor da vida” e disse que é vítima de uma “campanha de calúnias”, como ocorreu com Lula no passado. O programa mencionou a existência de “uma corrente do mal na internet” contra ela. Serra se apresentou como temente a Deus, defensor da vida e inimigo do aborto (apesar de seu partido, o PSDB, ter apresentado nos anos 90 um projeto de legalização do aborto no Senado). Pôs seis grávidas em cena e prometeu programas federais para “cuidar dos bebês mesmo antes que eles nasçam”. (Época, edição 647, 09/10/2010)

A preocupação com o que seria dito no novo programa eleitoral do segundo turno aparece exposta pelo enunciador Época nos trechos acima, nos quais Época mostra que os candidatos agradecem a Deus, declaram-se a favor da vida e seus

³⁰¹ De acordo com Neves (1992, p. 62), “há verbos que se constroem com outros para modalizar os **enunciados**, especialmente para indicar **modalidade epistêmica** (ligada ao conhecimento) e **deôntica** (ligada ao dever)” (grifos do autor). Nesse sentido, os modalizadores deônticos, como é o caso, no exemplo acima, do verbo “precisar”, indicam relações de sentido ligadas ao dever.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

fiéis defensores, e mostram-se tementes a Deus. Além disso, os presidenciáveis fizeram questão de mostrar os apoios que receberam de diferentes grupos religiosos, apoios esses que foram declarados nessa etapa da eleição, o que se pode comprovar nas formulações abaixo, no que diz respeito à candidata Dilma Rousseff.

Para tentar neutralizar a onda religiosa anti-Dilma, a coordenação petista passou a usar depoimentos de líderes católicos e evangélicos no site da candidata. Os primeiros cinco depoimentos foram ao ar na quinta-feira. Entre os líderes, o bispo Manoel Ferreira, líder de uma das duas grandes correntes da Assembléia de Deus, e o professor Gabriel Chalita, deputado federal eleito por São Paulo. Ex-tucano até o ano passado, Chalita é um dos pregadores da TV Canção Nova, dirigida por bispos da corrente católica Renovação Carismática, que promoveu os ataques mais duros a Dilma nos últimos dias, em missas ao vivo pela TV. “A ministra disse que é contra o aborto, que defende a vida”, diz Chalita. “Dilma foi clara em dizer que é contra o aborto”, afirma Manoel Ferreira. (Época, edição 647, 09/10/2010)

A candidata Dilma, que no primeiro turno recebeu publicamente críticas de alguns líderes religiosos, que se declararam contrários à candidata e conclamaram os fiéis a não votarem nela, busca apoio de outros líderes e os divulga. Essa iniciativa como se verifica nos trechos acima, parte da liderança do partido que visa “neutralizar a onda anti-Dilma”, divulgando os depoimentos de líderes evangélicos e católicos. Esses depoimentos funcionam como argumento de autoridade, já que pronunciados pelos líderes, carregam a força dos lugares que estes ocupam na sociedade e, sobretudo, dentro de seus grupos religiosos. Por meio do uso de verbos como “diz” e “afirma”, usados logo após as citações dos líderes católicos e evangélicos, o enunciador Época não se coloca como responsável

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

por essas falas, ao contrário, destaca os seus locutores, confirmando essa autoridade.

Para materizar essas novas posições almeçadas pelos candidatos e espetacularizadas pela revista, a reportagem ainda apresenta a seguinte formulação pictórica, em que os candidatos figuram como anjos, mostrando-se mais uma vez inseridos nesse discurso de cunho religioso e moral. A legenda abaixo da ilustração também estampa de forma irônica o apelo claro dos candidatos à religião: “**RENDIÇÃO**: Dilma e Serra com auréolas de santidade. Os candidatos se curvam ao voto religioso e põem Deus no discurso”.



Figura 2- Época, edição 647, 09/10/2010.

No jogo de relações entre o verbal e o não verbal, em que consideramos a imagem e a legenda da figura 2, há uma atualização do discurso religioso na construção da imagem do “bom” político, tanto para Serra quanto para Dilma, já que eles parecem “flutuar” como anjos, o que pode ser verificado pela disposição gráfica da imagem. O destaque da legenda ao substantivo “rendição” em letras

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

maiúsculas e negritadas indica que, diante da repercussão dos temas de cunho religioso no primeiro turno, o caminho para os candidatos é estes se revestirem de um discurso do “bem”, para conquistarem a adesão do eleitorado.

Outro ponto levantado pela revista e que também apresentamos neste trabalho refere-se a citações de especialistas em religião e política que alertam a população e mostram mais uma vez o uso da religião no contexto político. Nessa perspectiva, temos a seguinte formulação linguística: “Mas é preciso saber relativizar essa força e tomar cuidado para não superestimar a agenda religiosa” seguida das falas dos especialistas “A religião nesta eleição tem sido apenas um pretexto para atacar um dos candidatos”; “A religião no Brasil não pesa de forma permanente na política como acontece nos Estados Unidos, onde isso é cultural” (Edin Abumanssur, do Departamento de Ciências Religiosas da PUC de São Paulo) e “Não são os fiéis que estão levantando a questão do aborto, mas os líderes religiosos. São pastores, padres, bispos”; “Estamos falando de religiosos politicamente conservadores, de movimentos religiosos de direita” (Antônio Flávio Pierucci, da Universidade de São Paulo, USP).

Nesse jogo interdiscursivo, presente nas citações transcritas, identificamos um contradiscurso, segundo o qual não se deve misturar religião e política. Outra vez, vemos a presença de um discurso de autoridade, já que os trechos citados são de especialistas e a revista os apresenta logo após a seguinte formulação: “Mas é preciso saber relativizar essa força e tomar cuidado para não superestimar a agenda religiosa” (Época, edição 647, 09/10/2010).

Tanto na formulação da revista quanto nas falas dos especialistas, o que se destaca é que esse contradiscurso reforça a relação entre fé e política, mesmo denegando-a, uma vez que os discursos podem ser atualizados, repetidos e até mesmo denegados somente porque se reconhece a sua existência



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Apresentamos a seguir o trecho que finaliza a reportagem. Tal formulação mostra, com base em todas as considerações aqui apresentadas, que, no cenário político brasileiro, há a manutenção de um processo que faz com que a força da religião avance sobre o espaço político.

A propaganda política da sexta-feira deixa claro que a onda religiosa se impôs aos candidatos. O horário eleitoral transformou-se, de uma hora para outra, num espaço de louvação a Deus – por gente que, no passado, nunca fora vista usando linguagem religiosa em público. Isso pode ser interpretado como hipocrisia ou pode ser visto como uma saudável imposição dos valores dos crentes a suas lideranças. (Época, edição 647, 09/10/2010)

O enunciador Época, ao encerrar a reportagem, coloca em destaque novamente o programa eleitoral que iniciou a campanha do 2º turno, no qual os candidatos impregnaram suas falas com palavras de apelo religioso e moral, quando “deveriam” apresentar propostas de cunho objetivo. Segundo o que é discursivizado pela revista, houve uma apropriação não só de temas como também de uma linguagem religiosa em um espaço político. Assumindo seu papel de espetacularizar, por meio de suas matérias, os diferentes modos de pensar a sociedade, a revista indica a necessidade de reflexão do leitor sobre esse cenário, que pode ser visto como “hipocrisia” ou como “uma saudável imposição dos valores dos crentes a suas lideranças”.

CONCLUSÕES

Neste trabalho, procuramos mostrar a forma como a mídia, mais especificamente a revista Época, apresenta a relação entre religião e política em uma reportagem publicada após o retorno dos candidatos presidenciais, no



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

segundo turno das eleições 2010. Nas análises, verificamos que a presença de temas religiosos na política vem de longa data e que essa inserção já se figurou como decisiva em outros períodos eleitorais. Verificou-se também que, em decorrência dessa memória, atualmente os candidatos têm como foco de campanha, além de assuntos econômicos e sociais, uma preocupação maior com temas relacionados aos valores morais e religiosos, seja para se colocar numa posição favorável ou para prejudicar o adversário.

De acordo com o que aparece discursivizado em *Época*, no caso específico das eleições presidenciais 2010, sobretudo no 2º turno, os candidatos reiniciaram suas campanhas com o objetivo de arrebanhar votos dos religiosos, como uma espécie de cartada final diante do quadro que se instaurou já no finalzinho da campanha do 1º turno, quando vieram à tona as questões de cunho religioso e moral, como a descriminalização do aborto e a defesa ou condenação dos direitos homossexuais.

Diante dessas considerações, espetacularizadas na materialidade da reportagem sob análise, verificamos que, conforme afirma Silva (2010, p. 11) “o campo religioso, seja quando evocado ou quando denegado, está presente na construção da imagem do ‘bom’ político, já que essa imagem está, em alguma medida, sempre relacionada com uma certa noção de ‘moralidade’”. Em síntese, existe uma forte relação entre o discurso religioso e a política, relação está que, segundo nossa hipótese, extrapola o âmbito político-partidário, bem como o período eleitoral. E é justamente tal relação que pretendemos investigar no desenvolvimento de nosso projeto de Mestrado.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

REFERÊNCIAS

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. **Poder-Saber-Ética nos Discursos do Cuidado de Si e da Sexualidade**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 62-63.

SILVA, Edvania Gomes. **Estereótipos, religião e política**. (inédito)

Revista Época. **A fé entrou na campanha**. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com>>. Acesso em 13 mai. 2011.